

GAZETA D'ANGEJA

(SEMANARIO)

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
Anno 1\$500, 8 mezes 1\$000, 4 mezes 500, Bra-
zil 3\$000 reis. — Numero avulso no proprio dia 20 rs.
Passado o dia 40 reis.

Redactores: — RICARDO M. NOGUEIRA SOUTO e A. LEÃO MARTINS

ADMINISTRADOR — SEBASTIÃO CORREIA DA COSTA

ANNUNCIOS E COMMUNICADOS
Por linha 40, Repetições 20.— Os snrs. assignan-
tes tem 25 por cento de abatimento.
Redacção — Rua dos Caldeiros n.º 250.

SUMMARIO:

Uma pescaria no Vouga — R. S.
Palestras humoristico-moraes na Angeja —
Joel Pancrácio Bamboche.
Noticiario.

SCIENCIAS & LETRAS

Julho (poesia) — Jayme de Seguíer.
Desdenhada — A. Leão Martins.
Sursum corda (poesia) — Christovam Ayres.
Ilusão, amor e descrença — J. Chrysostomo.
Não e sim (poesia) — José Bonifácio.
A uma creança (poesia) — João da Cunha.
A canção da camisa — Thomas Hood.
Os teus olhos (poesia) — Francisco Campos.
Deolinda (poesia) — Alberto da Rocha.
Uma lagrima (poesia) — C.
Horas vagas: — Sá Lino e Narciso d'Albu-
querque.
Folhetim: A minha mãe (poesia) — Vidal Oudinot.

ANGEJA, 17 DE AGOSTO DE 1887

UMA PESCARIA NO VOUGA

E' sobremaneira aprasivel e alta-
mente pittoresco emprehender-se um
passeio, quer por certos locais das
margens do nosso poetico Vouga,
quer mesmo em barco pelo proprio
rio, gosando e admirando para um e
outro lado a prespectiva soberba, que
nos offerece a encantadora verdura,
que orla as suas margens. E' sobre
tudo na primavera, n'essa estação de
mocidade em que a natureza, exuberante
de seiva, transforma as ar-
vores em catadupas de flores, inflora
os campos, matiza-os com as cô-
res do arco-iris, esmalta-os, como
um tapete indiano, com o oiro dos
malmequeres, a prata das margari-
tas, a opala dos lirios, o amettista
das violetas e a saphira dos modestos
myosotis, é n'esta occasião so-
lemne, que a atmosphaera, inebriante
de aromas e portadora d'um bem
estar indescriptivel, parece convidar-
nos ao passeio, offerecendo-nos os

mais variados encantos e gratas re-
cordações. E é em Angeja onde tudo
concorre para que estes passeios
campezinos sejam mais attrahentes
e melhor dotados pela natureza. O
proprio Vouga, ao longo do Tunnel de
verdura, como querendo realçar mais
a belleza d'estes sitios, apresenta
duas ligeiras e graciosas curvas onde
nos mezes de julho, agosto ou se-
tembre, familias se reúnem todos os
annos e promovem pescarias que
constituem um divertimento distin-
cto no genero. Aquella assistimos e
se realizou na semana passada, fica-
rá por muito tempo gravada na me-
moria de quantos a ella concorrer-
am.

Eram 7 horas da manhã do dia 8
do corrente e já no local da Barca
estavam preparados os dois barcos
que esperavam as pessoas que vin-
ham para a pescaria. Uns, talvez
aquelles que na vespera se tinham
dedicado mais ás folias da festa, re-
costavam-se ou sentavam-se commo-
damente nos barcos e seguiam o
deslisar manso e sereno do nosso
lindo Vouga, contemplando o cristal-
lino das suas limpidas e saltares
aguas, o prateado fundo apresentan-
do aqui e alli ondulações descen-
dentes de arêa, e a salgueirada mar-
ginal que a espaços deixava destaca-
rem-se vistosos bouquets de verdura
que mergulhavam e se fixavam ao
fundo.

Outros, talvez os que desejavam
auxiliar a acção do estomago e pre-
paral-o para ulterior operação, se-
guiam pelo Tunnel de verdura, em
animado cavaco, de vez em quando
assaltados por alguns raios calorifi-
cos que commettiam a indiscripção
de invadir a notavel arcada frondosa,
que tão graciosa e distinctamente
protege dos rigores das estações, os
passeantes ou passageiros. Chegadas
às pontes, á de pau uns e á de ferro
outros, introduziram-se nos barcos
e assistiram ao primeiro lanço de
tainhas que os insignes pescadores
deram no nivel de Sarrazolla. Depois,
seguiram todos rio acima, refrigera-
dos pela brisa fagueira que de ins-
tante a instante vinha impunemente

oscular-nos e retemperar o calor que
acompanhava mesmo por debaixo
dos toldes naturaes de verdura.

Desde a Cambeia do Cavallo até
á Barca, defronte da villa, houve
mais tres lanços, assistindo muito
de perto todos os convivas ao em-
malhar das tainhas na rede, especta-
culo este que a todos agradou im-
menso e que para muitos era origi-
nal. Apesar de o rio estar muito
secco e haver uma constante pes-
quisa de peixe, tiraram cento e trin-
ta e tantas tainhas d'um tamanho
regular.

A's cinco horas da tarde, no lo-
cal da Barca, n'um sitio poeticamen-
te adequado na margem esquerda
do Vouga, procedeu-se ao cosinhado
das tainhas. O tempo corria veloz
como o pensamento no meio das
mais agradaveis conversações. Cosi-
nheiras e pescadores, empenhados
todos no bom exito do jantar, exhi-
biam á porfia uma actividade inexce-
dível e uma alegria só propria da
ocasião.

A's seis horas estava o jantar
na mesa, isto é, sobre uma toalha
que pousava sobre esteiras, e estas,
a seu turno sobre o verde esmeral-
da da relva tenra e fresca.

A animação que nunca tinha ter-
minado, attingiu o seu maximo no
fim do jantar, não faltando sequer
os bellos concertos cantantes, em
que foram postos em acção laringes
aprimoradas e gostos finamente edu-
cados. Como por acinte a noite de-
senrola o seu veu de tristeza, esten-
de-o sobre a paisagem e intercepta-
nos quasi de repente o espectáculo
da natureza, obriga-nos a demandar
as nossas vivendas e repousar d'es-
tas folias innocentes e saltares.

Eram mais de quarenta pessoas,
mas só nos lembram os nomes se-
guintes: As ex.^{mas} snrs. D. Maria do
Carmo da Gama Souto, D. Felicida-
de Fonseca, D. Maria Augusta da
Gloria, D. Amelia Pereira Lemos,
D. Rufina, D. Eliza e D. Carmo Sou-
tos, D. Maria Augusta e D. Emilia
Souto Alves e D. Adelaide Nogueira
Souto, e os ex.^{mos} snrs. Marques
Loureiro do Porto, o distincto advo-

gado e seu mano engenheiro e o
dr. Guilherme Nogueira tambem do
Porto, o prior d'Arada, Venancio Pe-
reira, o prior d'Angeja, Antonio A.
dos Santos, o prior de Frossos, An-
tonio d'Almeida Valente, p.^o Nogueira,
p.^o João Emygdio Rodrigues da
Costa e p.^o José do Sobreiro, Fran-
cisco Antonio de Miranda e Manoel
Maria Pacheco de Castro Corte-Real,
alumnos da universidade, Manoel
Maria Ferreira Souto, Manoel
Ratolla, Francisco Nunes
Silva, etc.

O numero das pessoas, e
humoristicos que improvisa-
surgiam, a animação e muitas
peripecias inherentes a passeios
divertimentos d'esta ordem, o ar d'um
azul purissimo cortado pelas aves
em curvas graciosas, o som e a luz
com todas as variantes de intensida-
de, tudo, tudo isto realçou brillhan-
tamente esse dia que tão breve nos
pareceu.

A pescaria foi promovida e offe-
recida pelo snr. Manoel Maria Fer-
reira Souto. R. S.

Palestras humoristico-moraes na Angeja

(EU ZÉ GONÇALO E ZÉ TROPAS)

(Continuação)

— Então que foi isso amigo Tropas?
Assim compareceste!..

— Faltei, é verdade, caro Gonçalo,
e com o telephone interceptado, não
pude prevenir-te do que deu origem
á minha falta. Desculpa-me.

— Mas com mil bombas! Crê que
me fizeste escamar.

— Escamado como uma barata
estava eu; pois, se não fôra o muito
desejo que tinha de me pôr ao facto
do que por cá se tem passado du-
rante a minha ausencia, não mais te

Como ella adora esse pedaço q'rido:
Pedaço d'alma, idolatrado e santo!!...
Como se fosse um sonho indefinido
Regado pelas vagas do seu pranto!..

E tu, oh! ente que a minh'alma adora,
Tu foste para mim assim tambem!!..

Deixa enviar-te pelo espaço fóra
O nome suavissimo de—Mãe.—

Porto—87.

Vidal Oudinot.

FOLHETIM

A minha mãe

I

No vendaval enorme da existencia,
E no abysmo epileptico, nervoso,
Ha sempre um linitivo, que é a essencia,
D'um olhar de mãe, dulcissima e estremo...

Eu vejo n'ella esse conjuncto enorme,
De dôres, de sacrificios no viver,
E nos seus labios o sorriso dorme,
Emquanto n'alma ha feridas de soffrer!..

E' sublime o olhar sereno e triste
D'uma mãe infeliz, mas resignada;
Tem o encanto do brilho d'amethiste,
A reflectir n'uma alma immaculada.

E' ella que desvia do abysmo,
O filho que a quiz levar tambem;
Por isso eu penso muita vez e scismo
Que não ha amor igual ao d'uma mãe...

Eu não posso viver sem esse olhar,
Sem esse amor sublime e transcendente,
Que tem a doce embriaguez do luar,
E a luz da aurora enorme e resplendente.

Por isso a minha alma se elevou
nos exemplos beneficos, suaves,

Que minha mãe me deu e me deixou
Do som do canto sonoro de mil aves.

Tenho pena da minha infancia pura,
Da tranquillidade santa e delicada,
Na qual não irá uma só nuvem escura,
A offuscar-me a vida constellada.

Dos sonhos meus, de illusões primeiras,
Idealizadas ao som d'uma harmonia,
Que soltam alegres das balseiras,
As aves chilreando d'alegria..

E quando o filho pequenito e loiro
Adormecer no berço perfumado;
Como ella beija o seu gentil thesoiro,
Do seu amor sereno, immaculado!!!..

NOTICIARIO

em comodava, e poria termo ás nos-
sas palestras.
—Como assim !.. Pois tão depres-
sa te enfastias-te?..
—Não me enfastiei, mas arreliei-
me, por ver a nossa obra esphacela-
da, truncada, ridicularizada e... uma
hexiga emfim !..
—Homem, eu... custa-me a crêr?
—Como, custa-te a crêr!.. Pois
não lês-te a gazeta?
—Ler a gazeta... Como? Se eu não
sei ler. E' uma vergonha dizel-o, é
verdade; mas tudo isto é franqueza.
—Agradecido, amigo; porém, eu
convencido estava de que lias algu-
ma cousita
—Não, não leio nada; mas a ga-
zeta não se explica bem?!..
—O diabo, o diabo, homem; and-
am-se a divertir conosco; sapa-
tearam a grammatica, e olha, que a
syntaxe, a prosodia e a orthographia...
estas senhoras, não ficaram tambem
deitadas em bons lençoes.
—Homem... quem sabe!.. Talvez
não houvesse proposito. A's vezes
são descuidados dos typographos.
—De accordo: mas o revisor tam-
descuidaria?
—Devia descuidar-se. Mas o
é ter havido força maior
asse a passar por alto as pro-
respeito ao teu escripto; por
m verdade estiraste-te em de-
ta os homens, talvez enojados
massada, que logo pela primeira
lhes pespegaste, houvessem por bem
fechar-te a porta, para não mais os
mortificares.
Tudo pode ser: mas com mil pi-
pas!.. Aquelle *Rem admirabilem*...
Desgraçado!!! Como foi esfarrapado!
—Não admira, que os typographos,
creio, não sêrem obrigados a saber
latim. De mais linguas mortas, para
que veem cá metter bedêlho; que se
deixem estar socegados no seu
reponso.
—Mas caramba! Não só tronca-
ram, mas faltaram á concordancia
em genero, numero e cazo !..
—Ora, deixa, isso passou: vamos
ao que importa. Que me dizes tu da
festa das Neves, gostas-te?
—Se gostei!.. Foi esplendida.
Fôra o amor proprio. Na aldeia, on-
de sempre ha escacez de recursos,
não se pôde fazer melhor. Uma festa
cheia. Aquella illuminação, pensa
a capricho dos ramos das arvores na
avenida Varzea era um assombro! O
balouçar de alindados balões por en-
tre a folhagem do copado arvoredó,
era uma belleza. Aquella confusão
de luzes em meandros extasiava o
espectador. Tarde se gosará illumina-
ção igual, porque verdade, verda-
de, sem offender o nosso povinho,
n'elle, ha pouco, quem saiba admi-
rar o bello.
—Lá isso, é verdade. Ah! estou
eu, que nem por isso gostei; bsta
dizer-te que não havia alli simetria,
nem rectidão.
—Ora obrigado: ha brutinhos as-
sim; são como o pai Adão; não gos-
tam de labyrinthos, o que querem são
rectas e simetricas.
—Embora, amigo Tropas; mas é
mais bonito. E que me dizes das
harmonicas?..
—Muito bem! Muito bem! Poze-
ram as banzas fóra da loja. Os rapa-
zes e as raparigas, uns acompanhados
por ellas nos descantes em doestó,
arrastavam atraz de si immenso
povileu; outros, em grandes rodas
ao som d'ellas dançavam a cana ver-
de, a moda nova, o vira, o verde-gaio,
a gázia, o regadinho, o folgadinho, a
chulipa e a má-raça.
—A má-raça?
—Sim, senhor !.. A má-raça, que
é uma moda em que fazem caretas
us aos outros.
—Não me digas isso!.. Então a
candó, o Senhor da Serra, o tres-e-

vira, a Siranda, a chula, a chulita, a
Senhora Anna, e a Serraninha, já se
não dançam?
—Todas essas passaram de moda,
jazem no esquecimento. E' tudo as-
sim! Até o decantado landum do
tempo da Senhora D. Carlota Joaqui-
na, foi suggerido pelo gracioso fadi-
nho.
—E' boa! Mas, eu quando te
fallava em harmonicas, referia-me...
—A's harmonias musicas?!
—Tal e qual.
—Hum!... Hum!... Satisfizeram.
O Zé povinho gostou, porque zorra-
vam bem.
—E que me dizes das illumina-
ções das ruas?..
—Não se pôde que estivessem
más; na do Fartura havia gosto e
mimo e luz bastante; na dos Tercei-
ros havia variedade de balões, que
em tempo foram bonitos, mas que
hoje por estarem muito vistos, per-
deu de moia.
—E dos faroes que dizes?
—Com franqueza?
—Sim, com franqueza.
—O pedestal do farol dos Tercei-
ros, estava magestoso; pena foi não
estar mais bem illuminado. E a col-
umna e cupula do farol do Fartura
não só estavam bem illuminados, mas
mas a cupula alem de bem illumina-
nada, linda e mimosa.
—E o fugo e os balões aereos, co-
mo esteve tudo isso?..
—Bem.
—Foste á Egreja e assististe á
festa?
—Fui, mas não gostei.
—Viste a procissão? Ia boa?
—Boa. Ia com muito asseio; era
grande e bem disposta. Mas... acre-
dita-me, em certo sitio, chorei de
saudade.
—Choraste?..
—Chorei, porque não vi na pro-
cissão aquella a quem os festejos
d'aquelles dias eram dirigidos. Fal-
tava na procissão a Virgem Nossa
Senhora das Neves, que é o enlevo
do povo da nossa terra.
—E' verdade!.. Mas, a culpa não
foi dos festeiros.
—Bem sei. Cousas, cousas, que
sô servem para arrefecer nos povos
o espirito religioso! Mas diz-me ago-
ra amigo Gonçalo, que tal foi para ti
a festa de barriga? sempre arranjas-
te para cozer a cabra, no calvario as
fogueiritas dos eucalyptos?..
—Deixa-me pelo amor de Deus,
homem!
—Arranjei, mas foi uma data de
pau, que me pôz a pão de padeira;
quando estava rachando um troço de
encalypto senti zumbir com tanta
força uma pedra, que dando-me na
cabeça me lançou por terra.
—Então não gritaste por soccor-
ro?
—Havia de gritar bem, se fiquei
sem sentidos.
—E não conheces-te o malfeitor?
—Conheci. Foi o indemoninhado
do Setta, que depois de me desan-
car o corpo com pancadas ainda me
deu voz de preso.
—Eu bem t'o disse, que ias fa-
zer um roubo, e portanto fez elle
muito bem. Que te preste. E não
procedes contra elle!..
—Como!.. Se elle é membro da
junta, e eu andava a roubar.
—Pois volta lá.
—Agora volto... E mesmo já, sei
que a junta vai vender os taes pau-
zinhos... Adeus tropas até á outra
vez, que temos muito, que fallar.

Joel Tancrezio Bamboche.

Manifestação de regosijo. —
Reina grande animação n'esta villa,
pela approvação na camara alta do
projecto, creando o novo julgado de
paz.
Os Angejenses teem levantado
vivas ao governo e ao partido pro-
gressista, pelo engrandecimento que
acabam de adquirir.

Musica d'Angeja. — Não acabou,
como muita gente pensa, esta musi-
ca. Deixou de justar algumas fun-
ções e renunciou a outras já justas,
em virtude de ter ido para Lisboa
alguns musicos, que de repente não
era facil substituir. Andam escolhen-
do e ensinando rapazes novos e no
inverno tencionam entrar todos a va-
ler nos ensaios. Applaudimos esta
resolução da musica. Tendo ha pou-
cos annos ainda aqui havido duas
musicas, não achavamos nada rasoa-
vel que a musica que existe acaba-
se. Bem sabemos que esta terra é
muito laboriosa, mas uma vontade
firme e bem dirigida pode conseguir
muito.

Obras da Igreja. — Vão bastan-
te adiantados os reparos da igreja
matriz d'esta terra.
A parede sul, a unica que foi de-
molida, já está levantada até meio.
A nave central está quasi enma-
deirada.
Os empreiteiros contam dar a obra
toda coberta antes de entrar o inver-
no. A junta de parochia conhecendo
ultimamente as responsabilidades
que sobre si pesavam, tem desen-
volvido uma regular actividade.
O rev. prior da freguezia, Antonio
A. dos Santos tem prestado impor-
tantes serviços, já inspecionando
permanentemente os trabalhos, já
resolvendo difficuldades que estão
ao seu alcance.

Parabens. — Fez ha dias em Bra-
ga exame elementar de instrucção
primaria ficando approvado, o meni-
no Arthur Soares Ferreira de Sou-
sa, de Angeja, filho do nosso amigo,
snr. Caetano Pereira de Sousa.
—Ha dias fez no lyceu central do
Porto, exames de portuguez e fran-
cez, 1.º anno, ficando approvado, o
menino Raul Emygdio da Costa Sou-
to, filho do snr. dr. Antonio Ferrei-
ra Souto Alves.

Estada. — Acham-se em Angeja,
mais de trinta rapazes que andavam
em Lisboa e que vieram á terra pas-
sar agosto e parte de setembro. Con-
stata-nos que entre elles, ha bons gui-
tarristas.

Chegada. — Chegou hontem ao
Porto d'uma digressão que fez ao
Bussaco e Coimbra o ex.º snr. Dr.
Antonio Augusto de Sá Varella, mui-
to digno Secretario interino da Pro-
curadoria Regia junto da Relação do
Porto, na companhia de sua ex.ª es-
posa.
Sua ex.ª reassumiu hontem mes-
mo as funções de seu cargo.

Fallecimento. — Falleceu no
Bom Jesus do Monte o mui nobre
visconde de Carriche, sogro do ex.º
snr. conde de Restello.
O snr. visconde de Carriche bal-
neava em Mondariz, achando-se, po-
rém, incomodado, retirou-se para
Braga onde se lhe agravaram os pa-
decimentos. Logo que o snr. conde
de Restello soube a infausta noticia,
apresentou-se em Braga com sua
ex.ª familia a visital-o; porém, foram
baçados todos os esforços envida-
dos para salvar sua ex.ª, fallecendo

pouco depois. O snr. visconde de
Carriche lega uma memoria imma-
culada como poucos.
Ao snr. conde de Restello e sua
ex.ª familia, enviamos a expressão
verdadeira da nossa condolencia.

Declaração. — A. Leão Martins,
redactor litterario, declara que ape-
nas toma a responsabilidade dos ar-
tigos firmados com o seu nome, e
da disposição da parte litteraria, na-
da tendo com o resto do jornal.

Ao correr da penna. — E' sem-
pre bello e digno de louvor, o ver nos
dias d'hoje o sentimento religioso tanto em
acção, nos povos das nossas aldeias. Em
Angeja no dia 21 do corrente, vai ter le-
gar uma festividade em honra e louvor do
inclito martyr S. Sebastião, promovida
por uma tropa de cidadãos angejenses, fi-
lhos do trabalho em Lisboa, voto, que fi-
zeram, se o martyr santo os livrasse do mi-
crobio, e a todos os da sua patria. A fes-
ta segundo consta, não será inferior á de
N. S. das Neves, dizem até, que excede-
rá esta. Na vespóra haverá illuminações
variadas, fogos d'artificio, balões aereos,
musicas, cavalhadas, etc., etc. No dia,
missa cantada, sermão e procissão, e de
tarde haverá arraial, musica e entremez.
Deus os proteja, e conserve sempre nos
povos o sentimento religioso, com que
seus paes os educaram.

Lucta terrivel. — Na chacara do
dr. Piratinino de Almeida, em Pelotas
(Brazil), deu-se uma lucta terrivel, que é
assim referida pelo *Correio Mercantil*:
Entre Manoel Sampaio e seu genro
João Paulo Gomes, capataz da chacara do
snr. dr. Piratinino, suscitara-se ha algum
tempo uma questão provocada por uma
compra de terrenos que ambos preten-
diam.
Manoel, encontrando-se com João, tra-
vou discussão com elle sobre o assumpto,
insultando-o, e desafiando-o a liquidar a
pendencia pelas armas. João ouviu paci-
ficamente a saraivada de improperios des-
pejada por seu sogro, até que, esgotada a
paciencia, com elle travou lucta, primeiro
á pistola e depois á faca.
Foi um combate horroroso, do qual
resultou morrer Sampaio, com uma faca-
da no coração, e tendo o braço direito
quasi decepado e recebendo João um ter-
rivel ferimento no ventre que lhe deixou
descobertos os intestinos.
Para o lugar do crime partiram os
snrs. drs. Piratinino de Almeida e Vicen-
te Cypriano da Maia. Este pensou as feri-
das de João, e fez o auto de corpo de deli-
cto em ambas as victimas, a convite do
delegado de policia do districto, que com-
pareceu e abriu inquerito, na forma da
lei.
Segundo informações que recebemos,
Manoel Sampaio não era de indole pacifi-
ca, e trazia aquella gente da Serra sobre
constante ameaça. O estado de João é
muito grave.

Cautella com os ovos. — Muita
gente punha em duvida a existencia de
bichos vivos dentro dos ovos; e parece que
esse facto se acha comprovado: por isso
que uma senhora encontrou ha pouco na
clara d'um ovo fresco, que partira, um ver-
me redondo e vivo, da grossura d'um bar-
bante e do comprimento d'um dedo. Foi
imediatamente levar a clara d'aquelle ovo
a um pharmaceutico, que depositou o ver-
me em alcool.
Parece que o professor Moebius, novo
director do museu zoologico de Berlim,
examinando o bicho, reconheceu que era
o *dracunulo* que existe no intestino del-
gado da galinha domestica, e que já por
outras vezes se tinha encontrado nas claras
dos ovos.

Sardinha. — Tem sido extraordina-
ria a pescaria de sardinha nas costas de
Aveiro. A abundancia é tal, que se tem
alli chegado a vender o milheiro por 200
reis.

Sobre a terra miseravel,
o sol, archeiro implacavel,
crava a flecha inexoravel.

da sua luz viva e crua
onde em cada aresta nua
um febril veneno estua.

Pela candente atmosphaera
que envolve a misera esphera
n'um ambiente de cratera

vibram, aladas scentelhas,
allucinadas, vermelhas,
ebrias de sol, as abelhas!

Na grande matta selvagem
nenhum halito de aragem
bafeja a sêcca folhagem.

A codorniz palpitante
no loiro trigal vibrante
guarda o ninho pipilante,

dando no claro esplendor
da campina toda em flôr
a nota augusta do Amôr.

Silencio profundo! Apenas
por entre as frondes serenas
um frou-frou de niveas pennas,

e um confuso murmurar
de vozinhas a estudar
a Arte de chilrear...

Todo o céu, de norte a sul,
recorda um vasto paul,
mórno, miasmatico, azul,

onde, brancas, regulares,
vagas nuvens cumulares
boiam como nenuphares.

Na janla de bronze, enorme,
do Zodiaco disforme,
Léo, formidavel, dorme.

E, dormindo, a féra brava
deixa fluctuar a lava
da sua grande juba flava,

onde em breve, julho findo,
a Virgem que vem subindo
poisará seus pés, sorrindo.

Jayme de Seguiet.

DESDENHADA

Ao meu distincto amigo

ANTONIO MARIA PINTO

Nove horas da noite soam no
campanario de Provezende.
Noite tepida e innundada de luar,
em que as estrellas prateam o firma-
mento, e as auras passam por entre
as lorangeiras, saturando-se de aro-
mas.

Ignez, ao piano, tira deliciosas
notas de Strauss. A sua casa, uma
das primeiras de Provezende, está
deslumbrante de luz.

E' que ha baile para commemo-
rar os annos de Ignez a quem a fa-
milia estremecia doidamente. As suas
vontades eram immediatamente cum-
pridas e todos os seus caprichos sa-
tisfeitos. Nunca conhecera dissabor
algun, nem nunca a desventura ro-
çou ao de leve pela sua sympathica
fronte.

N'aquella noite reuniram-se alli
as mais nobres familias, e foi então
que Ignez conheceu pela vez primei-
ra Carlos da Cunha, um rapaz ele-
gante, muito ousado, que jámais en-
contrara obstaculos quando entrava
em aventuras galantes e que de so-
bejo sabia aproveitar os ensejos pro-
prios.

Durante o baile não despregou o
seu olhar de Ignez que a seu forno
fazia outro tanto. Os seus olhares
eram demorados, e ella, enlevada
n'aquella contemplação, sentia o co-
ração pulsar-lhe alvoroçadamente.

A assistencia de Carlos juncto de
Ignez tornara-se notada. Varios gru-
pos sorriam n'uma intenção má.

Decorridos, porém, mezes, a as-
sistencia de Carlos da Cunha dimi-
nuia lentamente, até que nunca mais
lá voltou.

No campanario de Provezende
batem cinco horas.

Ignez debruçada á janella contem-
pla o alvorecer, polvilhado d'um sol
doirado que aparentemente principi-
ava a traçar a sua curva n'um azul
sem macula.

Os pintasilgos voam de ramo em
ramo, expandindo-se em ridentes
cantares.

Ignez envolvida n'um vestido de
musselina escarlata ora olha para o
canteiro onde alvejavam as camélias,
e em que uma vegetação luxuriante
lançava para a atmosphaera as essen-
cias puras da rosa e do alecrim, ora
para o sitio onde costumava appare-
cer Carlos.

E a sua alma contristava-se ao
pensar que elle a despresara. Havia
já tanto tempo que Carlos se achava
no Porto, e de numerosas cartas que
lhe mandava, ainda não tinha recebi-
do resposta.

Com infinda magua se recordava
dos juramentos que elle lhe fizera,
do futuro côr de rosa e oiro que lhe
promettera.

Sabia que ia ser mãe, e sabia tam-
bem que a sociedade a repelliria só
porque não havia quem justificasse
a existencia d'aquelle ente.

Que diriam d'ella ?
Comprehendia que não podia aca-
riciar seu filho sem ter de ouvir in-
jurias, porque a sociedade amaldiçoa
a mulher que cae, quando não tem
quem a ampare na queda.

—Que vergonha! pensava Ignez.
E a dôr comprimia-lhe fortemen-
te o coração. Via a sua juventude
desfolhada e morta.

Retirou-se da janella banhada em
lagrimas.

Emquanto Ignez chora e o pranto
a soffoca, Carlos da Cunha, de perna
traçada, á porta do Suisso, discute a
melhor raça cavallar, as actrices mais
bonitas e os melhores charutos.

Ignez vence todas as difficulda-
des e vem ao Porto fallar com Car-
los.

Encontra-o na rua de Santo An-
tonio e implora-lhe encarecidamente
que a não abandone: roga-lhe, solu-
çando que cumpra a sua palavra, e
elle sorrindo desdenhosamente, vol-
ta-se, dizendo: «Então pensava que
eu casava comtigo?!» E terminou,
soltando uma gargalhada satanica.

O infame calcava assim aos pés
a flor que desfolhara.

Agosto, 1885.

A. Leão Martins.

Sursum corda

Que innundação de sol! que esplendida manhã!
Eccôa a gargalhada estridula de Pan
no murmuro riacho, e nos myrtaes floridos;
embebem-se de luz os ávidos sentidos;
aspiram os pulmões um oxigenio puro;
as aves vão poisar sobre o fronteiro muro,
soltando alegremente uns limpides gorgeios!
as collinas d'além, como enfartados seios,
riem ao sol que as beija, impudico sultão;
na leziria do lado as ovelhitas vão
pastar morosamente, e ouve-se o chocallar
da alegre guizalheira; estremecem no ar
os sylphos de praser, e por entre os silvados
alastra a madre-silva os cachos perfumados.
Agitam-se do moinho as velas silenciosas,
e no calix do lyrio, e nas taças das rosas
correm a embriagar-se as lucidas abelhas,
as glicineas azues, e as papoulas vermelhas :
lembram uns botequins, vendas d'aureos licores
onde se vão saciar insectos multicores,
desde o besouro escuro até á borboleta.
Esplendido festim! embriaguez completa!
Todo o meu ser se expande, e vibra, e freme,
e exulta,

como se ouvisse os sons d'alguma orchestra
occulta.

Escuta extasiado a grande symphonia!
mas subito, lá dentro, á esplendida harmonia
responde outra mais bella, em canticos e danças

Vinham-se aproximando alegres as creanças.

Christovam Ayres.

ILLUSÃO, AMOR E DESCRENÇA

O sol pela manhã rompe energi-
co e viril por traz a serra esfumaca-
da de leves brumas da manhã. Ha
oiro e frescura.

Tambem em nossa alma nasce a
illusão—una doidice do cerebro que
nos arrasta ao inconscientismo dos
factos, e nos faz sorrir alegremente.
Somos novos e temos vida.

Ao meio dia o sol queima, e a
flor contorce-se ao seu fogo. Todos
querem sombra e ouvir as canções
ligeiras.

Tambem o nosso coração se aque-
ce e nosso ideal se contorce. Dese-
jamos repousar n'um collo e ouvir
o hymno de fallas nossas amigas.

III

Ao pôr do sol, então, o horison-
te é vermelho, e as nuvens côr de
laranja e oiro vão, pouco a pouco,
cahindo no escuro. Vem a noite,
accorda a lua—branca como marga-
ridas, e a pallidez é em tudo. O sol
da noite é sempre triste!

Em nós tambem ha horisontes
que se põem negros. Depois vem a
tristeza—um verme da alma, a indi-
ferença vem após, e o nosso olhar
é mais profundo, mortico. E' a ve-
lhice de nosso peito.

IV

É que pela manhã sorrimos para
todos, ao meio dia para *alguem*, e á
noite amargamente sorrimos. A nos-
sa alma dir-se-hia que é perfeítamen-
te um homem solteiro, depois casa-
do, e por fim viuvo.

E' isto a nossa alma!

Vem de molde perguntar:—seria
melhor que anoitecesse pela manhã,
para que o sol rompesse de noite?—
Assim começavamos amargamente
com a noite, e amanheciamos ale-
gres com o dia.

Teriamos descrenças na mocida-
de, em seguida amor; e quando este,
nas suas excentricas manifestações
nos quebrasse o peito, lá tinhamos as
illusões — um mar socegado como
rosas, sempre nervento do azul que
nos enebria, e nos faz ver tudo oiro...

E digam que o amanhecer á noite
para que anoiteça pela manhã—esta
especie de paradoxo comprehensi-
velmente facil, não é uma aspiração
tão positivamente pura, como o ceu
quando a lua lhe sopra brilhos d'um
lucto branco e quente!...

João Chrysostômo.

Não e sim

Eu quero um *sim* e tu respondes *não*;
Eu digo *não*, e tu repetes *sim*...
Entre o *sim* e o *não*... talvez... emfim...
E' *não* o labio e *sim* o coração!

Humido o labio treme de paixão,
E o *não* lá vem de manso... a furto... assim...
Mas teu olhar de languidez sem fim
E' um *sim* que morre no desmaio em vão!

Pois seja o *não* e o *sim* á mesma hora,
O *não* que é o vôo d'ave alvorçada,
O *sim* que é o pó d'avo, á luz da aurora...

Oh! dize *não*... mais um abraço e nada...
Oh! dize *sim*... e mais um beijo agora...
E *não* e *sim*... depois é madrugada.

José Bonifacio.

A UMA CREANÇA

Quando nasceu, os anjos sorridentes
O somno lhe velaram com ternura,
E sobre os labios puros, innocentes,
Depositaram beijos de ventura.

Tempo depois, a fera morte escura
Cerrou-lhe os olhos bellos, refulgentes,
E cavou-lhe depressa a sepultura
Com as mãos esqueleticas, tremes.

E a creança gentil e fascinante
Que nascera n'um berço deslumbrante
Guardado por formosos cherubins,

Jaz agora esquecida e solitaria
Sob a pesada lousa funeraria
Onde crescem os lírios e os jasmims.

Aveiro, 30-7-87.

João da Cunha.

A CANÇÃO DA CAMISA

Uma mulher está sentada coberta de farrapos, tem as palpebras vermelhas e inchadas, e os dedos cansados e gastos. Com uma pressa febril faz correr a agulha e pucha a linha. Coze! coze! coze! na pobreza, na fome, na lama!

E, sem descanso, com voz acre e gemente, com a canção da camisa.

Coze! coze! coze! quando o gallo canta ao longe, e coze, coze, coze, ainda quando as estrellas brilham através das fendas do teu tecto. Coze, coze, até que o teu cerebro fluctou no vertigem; e coze, coze até que os teus olhos estejam turvos e ardentes! Coze, pesponta, pesponta, coze até cahires adormecida em cima dos botões, e acabares de os pregar em sonho.

O' homem que tens irmãs que amas! O' homem que tens esposa e mãe, não gastas roupa branca, não, o que tu gastas são vidas de creaturas humanas! Coze, na pobreza, na fome, na lama! Coze ao mesmo tempo, com dobrada linha, uma camisa e uma mortalha! Mas para que fallo eu na morte? Esse espectro de ossadas hediondas, não me assusta com a sua apparição terrivel! Parece-se tanto commigo, parece-se tanto commigo, descarnado pelos longos jejuns. Porque é tão caro o pão, ó Deus, e tão barato o sangue e a carne?

Coze, coze, coze! Pois nunca, nunca poderia acabar a minha tarefa? E quaes são meus penhores? Um leito de palha, um pedaço de pão, e uns farrapos, este tecto entreaberto, este sobrado humido; uma meza, e uma cadeira despedaçada; e uma parede tão branca, tão nua que agradeço á minha sombra vir alli ás vezes projectar-se.

Uma hora apenas! só uma hora de descanso! Treguas um instante, não para saborear as bemditas docuras do amor e da esperança, mas para me entregar á minha dôr! Chorar um pouco alliviará tanto o meu coração! mas devo opprimir as lagrimas nos meus olhos inchados; porque cada gota que cáe atraza o caminhar da minha agulha e da minha linha.

Thomaz Hood.

OS TEUS OLHOS

(CANÇÃO)

Tenho mêdo dos teus olhos quando se cravam em mim!
Se elles são um mar d'abrolhos sob as ondas de setim!

Riem de muita maneira, e fallam de tanto modo...
Quem me dera uma viseira, que o rosto cobrisse todo...

Não me largam um instante. Se durmo, eil-os a fitar-me; se vou n'um caminho errante, sempre elles a acompanhar-me!

E que gosto que elles tem em seguir por onde eu sigo!
Busco o êrmo; elles tambem buseam o êrmo comigo!

Se me sento n'um rochedo e m'entrego ao meu pensar; eil-os que veem em segredo, por-se comigo a scismar!

Tenho medo dos teus olhos quando se cravam em mim!
Se elles são um mar d'abrolhos sob as ondas de setim!

Porto—87.

Francisco Campos.

DE OLINDA

Se tu me desses mulher etherea e bella,
O teu amor immaculado e santo,
Faria d'esse affecto, oh! minha estrella,
A luz bendicta e meiga do meu pranto!

Alberto da Rocha.

UMA LAGRIMA

Já estavas emplumado,
Mimoso passarinho,
E abrindo as tenras azas
Deixaste o pobre ninho.

E eu vendo-o tão vasio,
Chorai lá tanto, tantol..
Que se hoje regressasses
Sumias-te em meu pranto.

Na hora da despedida
Pedi-te que ficasses,
Beijei-te os frios labios...
Beijei-te as brancas faces...

No instante derradeiro
Teu debil corpo abranjo...
Já não eras da terra,
Eras de Deus um anjo!

Aperto-te com febre,
Contra o seio convulso...
Teu seio não palpita...
Tens frio, inerte o pulso...

Gritei-te n'agonia:
Não durmas mais, anjinho!
Não deixes no abandono,
Tão só teu pobre ninho.

Disperta minha filha!..
Não me disseste nada!
—Tinha findado a lucta,
Dormia descansada.

Inda hoje ao pé do ninho
Que as lagrimas me esconde,
Eu chamo a filha amada
Mas, ai! não me responde.

C.

HORAS VAGAS

CHARADAS

(Aos picotes)

1, 3. Esta bebida nos olhos toca.
1, 2. Adiante do chá esta ave é o effeito.

Sá-Lino.

ENYGMATA

Ao digno collaborador d'este semanario
Vidal Oudinot



"... E eis por terra essa illusão suave!..
"Sonhada em noites bellas d'alegria;
"Oh! meu pobre ideal, meu canto d'ave,
"Como tombaste na aridez mais fria!.."

Porto. Narciso d'Albuquerque.

Decifração do logogripho do n.º
19.—Florençia.

ANNUNCIOS

Exames em outubro

Com longa pratica de ensino das disciplinas de FRANCEZ, INTRODUCCÃO, e MATHEMATICA, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º anno, habilita, para os exames que têm de haver em outubro, alumnos em qualquer das disciplinas acima mencionadas, por preço extremamente modico.

Toma conta de lições particulares, indo aos domicilios; tambem lecciona em collegios.

Dirigir carta com as iniciaes A. M., a esta redacção, rua dos Caldeireiros, 250—Porto.

VERNIZES DE HARRISON BOWDEN & C^o

UNICOS DEPOSITARIOS

Baptista & Barbot, largo de S. Domingos, 78, e rua de Santo Ildefonso, 87.
Silva & Teixeira, praça de D. Pedro, 105.
José Martins Ribeiro, rua do Almada, 230.
Evangelista José da Silva, rua do Bomjardim, 380.

Recommenda-se com especialidade as marcas FLATTING e CRYSTAL, tanto de primeira como de segunda qualidade.



E' já hem conhecida a superioridade d'estes vernizes. Dá-se amostra a quem as pedir

PREÇOS

Verniz Flattig, de 1.ª qualidade, galão, 25200 reis;—de 2.ª, 15800 reis.
Verniz Crystal, de 1.ª qualidade, galão, 25200 reis;—de 2.ª, 25000 reis.

Desconto para revender.